

Aspectos composicionais da recensão crítica enológica/ Compositional aspects of enological critical appreciation

Carla Teixeira

ABSTRACT: *This presentation is inscribed in the scope of Text Theory studies. I intend to reflect the relation between language activities associated to genre text production enological critical appreciation and the compositional unities that compose the texts. Considering the categories genre and text, there will be pointed out two kinds of compositionality: generical compositionality (unities and processes recurrently associated to a genre) and textual (specific formal manifestations of the compositional possibilities allowed by the genre).*

Firstly, I shall analyze two similar texts from the same publication, but with different subjects (wine and informatics), to identify genre markers that compose the enological critical appreciation (similarities between the two texts); then, two texts about wine from the same author and the same non specialized magazine will be analyzed, listing the common characteristics at a compositionality level (nonverbal semiotic elements, ante title, title, subtitle, linguistic forms that take place) and theme level (namely, wine production and conservation, organoleptic characteristics). Finally, it will be analyzed, detailed, the main part of an enological critical appreciation.

0. Objectivos e metodologia

Este trabalho pretende reflectir sobre a relação que se estabelece entre duas actividades de linguagem associadas à produção dos textos e as unidades composicionais em uso que contribuem para a definição de um

género textual¹. Para tal, primeiro, localizar-se-á a origem da noção de composicionalidade e relacionar-se-á com a Teoria do Texto.

Na sequência das observações feitas, serão analisadas, do ponto de vista composicional, duas recensões associadas a actividades de linguagem diferentes; depois, serão analisadas duas recensões críticas enológicas, do mesmo autor e de uma publicação não

¹ O nome do género recensão crítica enológica foi criado a partir da semelhança formal e da intencionalidade com a recensão crítica literária

especializada; de seguida, as duas recensões enológicas serão comparadas com outras duas de outro autor. Finalmente, será analisado, em maior detalhe, o corpo de texto de uma recensão crítica enológica relacionando-o com outras unidades composicionais.

1. O enquadramento Teórico: Teoria do Texto e Interaccionismo Sociodiscursivo

Este trabalho foi elaborado a partir da investigação desenvolvida no projecto PRETEXTO - *Praxis, Conhecimento e Texto*, que se propõe: estudar as relações entre a organização textual, a construção do conhecimento e as práticas sociais / de linguagem; analisar textos com conteúdo temático comum, o vinho, inscritos em géneros textuais distintos; observar o papel das actividades de linguagem na configuração do género, e observar a realização e organização de unidades e processos linguísticos (Coutinho & Miranda 2008).

Para além do facto do presente estudo se enquadrar no âmbito da Teoria do Texto e do projecto PRETEXTO, à semelhança deste último, também se assumiu as opções teóricas do Interaccionismo Sociodiscursivo (ISD), o que pressupõe uma perspectiva de análise descendente

que relaciona actividade de linguagem-texto-sujeito (enquanto agente produtor).

Para esta reflexão, é pertinente lembrar os conceitos de actividade e de texto como fundamentais para o enquadramento teórico referido que pensa a mudança da sociedade a partir do humano e das suas produções, nomeadamente, a nível textual.

Assim, o ISD considera que as práticas humanas são práticas colectivas que podem ser descritas como actividades gerais (que não são da ordem da linguagem) e como actividades de linguagem (que regulam as actividades gerais).

Os textos são, então, os representantes empíricos das actividades de linguagem e são encarados como unidades comunicativas globais (orais ou escritas). As características dos textos estão relacionadas com as características das actividades da linguagem, como se observará adiante.

Para além das já mencionadas categorias, é ainda relevante referir uma categoria intermédia entre actividade e texto: o género de texto.

Os géneros de texto são entendidos como configurações relativamente estáveis, num dado momento e espaço, elaboradas com base em configurações precedentes, que

coexistem numa nebulosa denominada *arquitrato*. Os géneros estabilizam em função de uma determinada actividade (eventualmente, de actividades conjugadas); de acordo com as condições de produção e com a actividade de linguagem, os agentes produtores podem reproduzir o género de modo mais ou menos criativo ou inovador.

2. A composicionalidade

Na Antiguidade, a técnica retórica do discurso persuasivo era composta por cinco categorias prescritivas que correspondem às cinco partes da composição de um texto que consideramos, hoje em dia, formalmente estruturado. Estas cinco categorias, apresentadas no quadro seguinte, indicavam como fazer, como expor e qual o funcionamento interno do texto.

Modelo de composição de texto estruturado	Características
Invenção (<i>inventio/ euresis</i>)	Identificação da tese e dos argumentos correspondentes; selecção dos melhores argumentos a utilizar
Disposição (<i>dispositio/ taxis</i>)	Criação de um plano de texto; Sequencialização dos argumentos
Elocução (<i>elocutio/ lexis</i>)	Seleção das figuras de estilo (embelezamento do texto)
Memorização (<i>memoria/ mnémè</i>)	Memorização do texto
Acção ou pronúncia (<i>actio/ hupocrisis</i>)	Aspectos da encenação ou representação do discurso: dicção e definição dos gestos adequados

Quadro 1: Modelo de composição de texto estruturado na Antiguidade

Adaptação de Breton & Gauthier 2001: 44 e Coutinho 2003: 189

As duas operações relacionadas com a realização oral do discurso, a memorização e a acção foram praticamente anuladas ao longo dos tempos, devido à crescente importância da escrita. Com grande ênfase na Idade Média, a elocução tem sido a operação mais valorizada essencialmente pela via literária, o que contraria o ensinamento didáctico da Antiguidade que valorizava o modelo no seu todo, ainda que sobre a invenção e a disposição recaíssem a grande atenção dos retóricos, o que é compreensível, pois correspondem ao conteúdo e à estrutura do texto (Coutinho 2003: 192-193).

Apesar da existência destas cinco categorias e do seu carácter prescritivo, estas devem ser consideradas etapas no processo de escrita e de apresentação dos textos, operações que constituem um modelo de produção textual (Coutinho 2003: 190), visto que "os comentários (...) sobre esta matéria, parecem unânimes em salvaguardar que não se trata de divisões estáticas, mas de actividades, ou operações, através das quais toma forma o discurso" (Coutinho 2003: 190).

Actualmente, a *dispositio* corresponde às tarefas de planificação e ordenação textuais, tendo o remanescente desta teoria chegado até aos nossos dias através da fórmula

"introdução, desenvolvimento e conclusão".

Desta forma, hoje, poderá entender-se que a composicionalidade se refere aos diferentes momentos e fases de redacção textual, assim como à organização da estrutura do texto, ou *plano de texto*, que compreende a identificação de unidades (de diversos níveis (ou "tamanhos") (Miranda 2007: 123) ou a análise das relações estabelecidas entre essas diferentes unidades (que podem ser igualmente de natureza temática e, por isso, visíveis no plano de texto).

3. A análise de texto

3.1. O plano de texto: aspectos composicionais e temáticos

A análise de um plano de texto em Teoria do Texto poderá incluir dois níveis distintos e não hierarquizados entre si: o composicional e o temático.

O estudo dos aspectos composicionais, que reporta aspectos referentes à estruturação de unidades de diversos níveis, desdobra-se no exame do plano de texto e das estruturações locais (elementos frásicos ou morfológicos). O plano de texto (ou organização global dos textos) depende da flexibilidade do género de texto; este último determina a existência de elementos fixos (ou obrigatórios, logo,

previsíveis) e de elementos ocasionais (ou variáveis) (Bronckart 2006: 154).

3.2. A análise comparativa de recensões

Sendo que conclusões mais definitivas são conseguidas quando se tem um *corpus* representativo, admite-se que a análise agora desenvolvida pode adiantar algumas pistas sobre a composicionalidade de diferentes recensões, tanto mais que se assume aqui que cada texto é representativo do género que actualiza.

Comparando dois textos distintos de avaliação de produtos diferentes, de uma mesma publicação, é possível reconhecer alguns elementos semelhantes ou comuns ao nível do plano de texto, presentes em ambos os casos, como se mostra em baixo:

a indicação da secção da revista (1), o antetítulo (2), o título (3), o corpo de texto (4), a assinatura do autor (5), um apontamento sobre o produto (6), a (s) foto(s) do produto (7), e a ficha técnica do produto (8). Estas similitudes verificam-se especialmente ao nível das unidades semióticas não verbais, pois reflectem uma uniformização da organização editorial e do *lay-out* da publicação (ex.: opção pelo fundo laranja no nome da rubrica). De modo impressionista, é possível afirmar que os critérios editoriais da revista interferem na organização composicional do género, visto que, por exemplo, há elementos (semióticos não verbais e composicionais) cuja apresentação é verificável nos dois textos seguintes, de diferentes géneros.

The image shows two pages from a magazine, side-by-side, with annotations. The left page is a wine review, and the right page is a laptop review. Both pages have a red header with the word 'GOURMET' or 'GADGETS'. The wine review is titled 'Os mimos de Borba' and features a photo of a bottle of 'Alfrocheiro' wine. The laptop review is titled 'Portátil para todos' and features a photo of an ASUS laptop. Both pages have a numbered list of elements: 1. Section header (GOURMET/GADGETS), 2. Sub-header (COLECÇÃO MONO & BIVARIETAIS/COMPUTADOR COM INTERNET SEM FIOS E PREÇO IMBATÍVEL), 3. Title (Os mimos de Borba/Portátil para todos), 4. Main text (Adega Cooperativa de Borba/Chega finalmente esta semana a Portugal o pequeno computador portátil capaz de fazer tudo o que os seus irmãos grandes fazem...), 5. Author (Edgardo Pacheco/Pedro Leão), 6. Product description (VAI APRECIAR o equilíbrio entre os aromas de fruta tropical e as notas de madeira./Quer um computador ultraportátil com ecrã de 7" e internet sem fios.), 7. Product photo (Bottle of wine/Laptop), 8. Technical details (Vinho Regional Alentejano 2006/ASUS EEE PC 701 4GB).

A recensão crítica enológica e a recensão crítica informática

A partilha da actividade de linguagem jornalística assegurou, também, a partilha de elementos composicionais comuns

3.3. As recensões críticas enológicas

Os textos do género recensão crítica enológica são produzidos na esfera de duas actividades de linguagem: as actividades jornalística e enológica.

A actividade predominante é a jornalística, visto que o veículo utilizado é uma publicação; é habitual a presença de textos de informação de produtos ao consumidor em revistas de generalidades, como é o caso dos textos que se seguem que foram publicados

nas revistas de Domingo de jornais diários, ou em revistas de especialidade. A outra actividade de linguagem associada à recensão crítica enológica é, obviamente, a enologia, pois são os conhecimentos técnicos desta área que são mobilizados na apreciação do produto e na redacção do texto. O quadro 2 apresenta os textos em análise; são textos recentes, de dois autores, publicados em secções dedicadas ao vinho (ou outros prazeres) de revistas não especializadas.

Publicação	Secção da revista	Autor	Título	Data	Texto
<i>Domingo</i> , revista semanal do «Correio da Manhã»	«Gourmet», rubrica de enologia & outros prazeres (gastronomia, whisky, charutos...)	Edgardo Pacheco	“Os mimos de Borba”	2008	1
			“ Um vinho profundo”	2008	2
<i>Única</i> , revista semanal do «Expresso»	«Prova de Vinhos», rubrica de enologia	Maria João de Almeida	“Um exemplo a seguir”	3.05.08	3
			“Tinto com grande classe”	21.06.08	4

Quadro 2: Textos em análise

GOURMET

COLECÇÃO MONO & BIVARIETAIS

Os mimos de Borba

A Adega Cooperativa de Borba vive à conta dos vários milhões de litros de vinho que vende anualmente (14 milhões na colheita passada). É deste volume que vêm as receitas necessárias para remunerar os sócios e planejar investimentos futuros.

Acontece, todavia, que quem produz grandes quantidades sente necessidade de demonstrar capacidade de produção de vinhos que traduzam excelência. Exemplo? A coleção Mono & Bivarietais que, da colheita de 2006, apresenta os vinhos tintos Alicante Bouschet, Aragonês & Touriga, Alfrocheiro e o bran-

co Antão Vaz & Arinto. Por estes dias foi possível comprovar a excelente qualidade dos vinhos. Os tintos (cerca de 6,5 euros) traduzem cuidados na selecção das uvas e das barricas de estágio/fermentação. O branco (3,25 euros) surge com notas de fruta tropical e cítrica, à mistura com a madeira de fermentação e/ou estágio. Ao sabor detectamos um vinho gordo mas fresco, com acidez correcta e prolongamento médio.

Edgardo Pacheco / edgardopacheco@sabado.cofina.pt

VAI APRECIAR o equilíbrio entre os aromas de fruta tropical e as notas de madeira.



Texto 1

GOURMET

MARQUÊS DE BORBA RESERVA 2004

Um vinho profundo



No mundo mais ou menos mediático do vinho, João Portugal Ramos faz questão de cultivar uma imagem discreta, algo reservada. É um dos obreiros da modernização dos vinhos nacionais, mas aparece pouco em iniciativas eno-gastronómicas; é autor de vinhos que permanecem na memória dos enófilos, mas, hoje, quase não lança marcas novas. No entanto, consegue manter uma legião de consumidores indefectíveis às marcas, coisa difícil atendendo à oferta que vai no mercado. Então se falarmos dos seus famosos tintos reserva, como este Marquês de Borba de 2004, bom..., o caso é sério.

As uvas de cepas com alguma idade foram esmagadas e fermentadas em lagares de

mármore, resultando assim um vinho profundo, com densidade, de onde, no nariz se destacam frutos pretos, especiarias e alguns descritores típicos da casta Cabernet Sauvignon. Na boca é fresco, alcorado, macio e equilibrado nas suas componentes. É-nos dito que o vinho tem por base "as castas Aragonês, Trincadeira e Alicante Bouschet, com um pouco de Cabernet Sauvignon". Isso de ser um pouco de Cabernet não nos parece. Mas nada que interfira com a nobreza do vinho (pelo contrário). Tão nobre que até se sente no preço: 35 euros.

Edgardo Pacheco / edgardopacheco@sabado.cofina.pt

VAI GOSTAR SE... aprecia aromas de frutos pretos e especiarias, sem presença de notas de carvalho.

Texto 2



A ADEGA COOPERATIVA DE BORBA produz mais de 12 milhões de garrafas por ano

PROVA DE VINHOS

UM EXEMPLO A SEGUIR

A Adega Cooperativa de Borba conseguiu afirmar-se no mercado pela qualidade dos seus vinhos

Encontrar vinhos de qualidade a preços competitivos é ainda uma tarefa difícil de alcançar em inúmeras adegas cooperativas nacionais. Mas, se por um lado há ainda muito caminho a percorrer — sim, infelizmente ainda existe uma maioria de cooperativas a produzir vinhos muito, muito mausinhos —, outras há que se conseguiram destacar. É o caso da Adega de Borba, fundada em 1955, curiosamente, numa época em que a política agrícola vigente favorecia abertamente outro tipo de culturas que não a da vinha.

No entanto, ao longo dos anos, o entusiasmo e o esforço dos seus associados acabou por dar frutos. Anualmente, a adega produz mais de 12 milhões de garrafas, distribuídas por todo o país (incluindo ilhas) através de marcas como o «Convento da Vila», «Borba DOC» ou o curioso vinho da adega com o rótulo de cortiça, entre outros.

Recentemente, a adega lançou a sua nova coleção de mono e bivaritais, 2006 que incluem três vinhos tintos (Alentejo Bouschet / Alfrocheiro / Aragonez & Touriga Nacional) e, por último, um

branco bivarietal (Antão Vaz & Arinto). Todos eles vinhos sem grandes pretensões, vendidos a preços muito competitivos (entre os €2,25 e os €3,50).

Destes todos, optei por falar sobre o vinho Alfrocheiro, uma casta que é mais representativa no Dão, mas que agora também se encontra com alguma frequência nos encepamentos alentejanos. Este é, sem dúvida, um vinho que resultou feliz. De cor intensa, é muito aromático, apresentando notas florais, frutadas e algum fumo com a evolução. Na boca, é igualmente

frutado e fácil de beber, embora ainda dê a conhecer alguma adstringência que pede comida. Se terminasse mais longo, seria um vinho mais sério, mas, dentro da nova gama de vinhos, é uma agradável surpresa. Já agora, aproveitando o embalo, sugiro à Adega Cooperativa de Borba que repense os seus rótulos, que primam pelo mau gosto (mas podem e devem deixar o de cortiça, que é um marco histórico e tem pizal). Garanto que aliar uma imagem agradável a vinhos de qualidade chamará ainda mais a atenção do consumidor e só irá beneficiar o negócio



Maria João de Almeida
produtora de vinhos da Adega Cooperativa de Borba



Alfrocheiro — Adega Cooperativa de Borba
Tinto 2006
Alentejo
€6,30
76 pontos



110 UNICO 1 Junho 2007 | Francisco

Texto 3



LEONOR FREITAS é uma das responsáveis pelo aumento de qualidade dos vinhos em Terras de Sado

PROVA DE VINHOS

TINTO COM GRANDE CLASSE

Palmela também é terra com vinhos de referência. O Leo d'Honor é um deles

Há várias razões que me levam a admirar a Casa Ermelinda de Freitas, situada em Fernando Pó (Palmela). Primeiro, porque é uma empresa que conseguiu destacar-se entre os grandes produtores da região, produzindo excelentes vinhos de boa relação qualidade/preço. Depois, porque a filha dos Freitas — Leonor — soube muito bem como gerir a difícil herança familiar de mais de quatro gerações dedicadas ao vinho, ao inovar e dinamizar a empresa.

Após o falecimento do pai, já em finais da década de 90, não só começou a engarrafar parte da sua produção com marca própria, como investiu na construção de uma nova adega, centro de vinificação e linha de engarrafamento. Por último — razão desta crónica — porque o seu vinho topo de gama, o Leo d'Honor, é um dos grandes vinhos portugueses, que chega a bater aos pontos muitos vinhos do Douro ou do Alentejo (regiões que, como se sabe, fazem parte das preferências da maioria dos consumidores).



Maria João de Almeida
produtora de vinhos da Adega Cooperativa de Borba

Dos 170 hectares de vinha, 100 deles são ocupados com a casta Castelão (também conhecida como Porquiza ou João de Santarém). Nada de estranho, pensarmos que a maior parte dos vinhos desta região a utiliza na sua composição, visto ser a casta tradicional da zona e ser obrigatória na produção de vinhos DOC Palmela. E, se por um lado há exemplos de vinhos menos agradáveis que nos chegam à mesa e ao paladar, outros há que honram a grande qualidade e versatilidade desta casta. Este

Leo d'Honor é um bom exemplo disso. De aroma a fruta madura e notas de madeira a sobressair, é um vinho carnudo, complexo, untuoso e muito elegante. Um vinho só lançado para o mercado em anos excepcionais, que me surpreendem desde a primeira vez que o provei, há alguns anos. Especialmente se lhe revelar que, na maioria das vezes, a minha experiência pessoal dita que vinhos elaborados com mais do que uma casta são bem mais interessantes. Neste caso, não podia estar mais enganada.

É, sem dúvida, um tinto que ruge forte, digno de se lhe tirar o chapéu!



Leo d'Honor
Tinto 2003
Terras de Sado
€47,45
94 pontos



88 UNICO 11 Junho 2007 | Francisco

Texto 4

No género recensão crítica enológica, o estudo da composicionalidade compreende o plano de texto (ou estruturação global de género) e as estruturações locais (das quais não se não darão conta exaustivamente aqui²), combinando elementos semióticos verbais e elementos semióticos não verbais, como indicado no quadro 3.

Quanto à organização temática, mencionada através dos elementos composicionais, ela engloba as notas de casta, aspectos de elaboração e conservação do vinho, da história específica do produto e explicações relativamente ao nome do vinho, da localização da adega, recomendações de consumo, e recomendações feitas sobre o produto, o vinho.

² A título de exemplo, as estruturações locais da recensão crítica enológica «Gourmet» são: a secção da revista indicada por elemento semiótico verbal: nome em fundo laranja (dinâmico); o ante-título encontra-se a letras reduzidas relativamente ao título, fazendo menção a característica específica do vinho (ex.: reserva, casta); o título encontra-se a duas cores, a segunda (laranja) destaca uma característica do vinho; a foto do produto; os títulos e ante-títulos encontram-se em formas linguísticas nominais.

Plano de texto	Textos 1 e 2	Textos 3 e 4
Secção da revista	<ul style="list-style-type: none"> • «Gourmet» (indicação com elementos estilizados semióticos não verbais) 	<ul style="list-style-type: none"> • «Prova de Vinhos» (indicação com elementos estilizados semióticos não verbais)
Antetítulo	<ul style="list-style-type: none"> • referência ao produto em concreto 	—
Título	<ul style="list-style-type: none"> • referência ao produto ou às suas características (destaque a cor laranja) 	<ul style="list-style-type: none"> • justificação do texto sobre o produto
Subtítulo	—	<ul style="list-style-type: none"> • referência ao produto ou ao local de produção
Foto(s)	<ul style="list-style-type: none"> • garrafa do produto (visualização do rótulo) em destaque 	<ul style="list-style-type: none"> • espaços/pessoas relacionadas com o produto em destaque com legenda; • foto do produto: elemento da composição da análise crítica (ficha de identificação + sistema de pontuação [recurso a elementos semióticos relacionados: "garrafinhas"]; apresentação de escala à margem)
Corpo de texto	<ul style="list-style-type: none"> • considerações gerais sobre o vinho e o produtor: <ul style="list-style-type: none"> • informação sobre a produção (uva, lagar, fermentação, barrica) • informações sobre o vinho (castas, ...), características organolépticas (provas no nariz 	<ul style="list-style-type: none"> • considerações sobre o mercado vinícola português • considerações sobre a qualidade do vinho, o produtor e produção <ul style="list-style-type: none"> • informações sobre o vinho (castas), características organolépticas (provas no nariz e na boca),

	e na boca), preço	(• pequena sugestão sobre estética dos rótulos)
Assinatura (com indicação de e-mail)	<ul style="list-style-type: none"> • nome • e-mail 	<ul style="list-style-type: none"> • nome • e-mail • foto
Nota final de sugestão	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Vai gostar se...</i> • <i>Vai apreciar se</i> 	—
Relação elementos semióticos verbais e não verbais (foto/ corpo de texto/ título)	<ul style="list-style-type: none"> • Os elementos conjugam-se e complementam-se na promoção da mensagem que o produto é de adquirir. 	

Quadro 3: Análise de planos de texto

3.4. Análise de corpo de texto

Não sendo possível apresentar a análise de todos os corpos de texto, analisar-se-á o corpo de texto do Texto 1, “Os mimos de Borba” da secção «Gourmet».

O primeiro parágrafo do corpo de texto do Texto 1 funciona como uma introdução, onde são feitas considerações sobre o avultado volume de vendas do produtor do vinho do qual se fala, a Adega Cooperativa de Borba. Tematicamente, os dois parágrafos justificam a presença na secção «Gourmet» e o título “Os mimos de Borba”, “a excelente qualidade dos vinhos”, ainda que o segundo parágrafo incida também sobre o antetítulo, especificando a colecção e os tipos de vinhos a que se refere o texto. O segundo e último parágrafo

corresponde, então, simultaneamente, à parte do desenvolvimento e à conclusão: prolongando as considerações sobre as vendas, inicia-se com “Acontece, todavia”, sendo que a ocorrência do conector argumentativo “todavia” orienta a leitura/interpretação no sentido de fazer passar a ideia de que existe a oposição “grande produção/ pouca qualidade vs. pouca produção/grande qualidade”. Tal não se verifica neste caso, justificando-se o porquê do sucesso de vendas da colecção Mono & Bivarietais; isto é, as avultadas vendas devem-se à grande qualidade. A expressão “Exemplo?”, que funciona como marcador de estruturação de conversa, simulando a pergunta seguida de resposta, apresenta a colecção Mono e Bivarietais 2006 (composta pelas castas, nos tintos, Alicante Bouschet,

Aragonês e Touriga, Alfrocheiro, e nos vinhos brancos, Antão Vaz & Arinto); a resposta à questão é reforçada com a foto de um exemplar dos tintos. O sucesso das vendas explica-se, ao nível dos tintos pelo bom preço, pelo “cuidado na selecção das uvas e das barricas de estágio/fermentação”, e ao nível do vinho branco também pelo bom preço, pelas “notas de fruta tropical...” e pelo sabor; o facto foi, aliás, corroborado recentemente: “Por estes dias, foi possível comprovar...”, actuando a primeira da expressão como marcador temporal. Extravasando, novamente, a área correspondente ao corpo de texto da recensão crítica enológica, o tratamento temático é prolongado através da expressão “Vai gostar se...”, uma nota final de sugestão de compra para interessados, que é completada com mais referências a notas de prova do vinho branco. Confirma-se, assim, que o plano de texto do género de texto recensão crítica enológica é composto pelas unidades composicionais indicadas (secção da revista, antetítulo, título, subtítulo, foto(s), corpo de texto, assinatura...) na medida em que estas comunicam entre si para explorar, justificar, reforçar a temática do texto.

4. Conclusão

A actividade de linguagem identificada como predominante, a jornalística, é aquela que mais influencia a composicionalidade do género recensão crítica enológica; verificou-se que os mesmos elementos composicionais estão presentes noutro género. O destaque dado a aspectos temáticos ocorre através destas unidades composicionais características do género.

Referências bibliográficas

- BRETON, Phillipe &, Gilles GAUTHIER. 2001. *História das Teorias da Argumentação*. Coleção Sínteses, Bizâncio
- BRONCKART, Jean-Paul. 2006. *Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano*, Idéias sobre Linguagem. Mercado de Letras
- COUTINHO, Antónia. 2003. *Texto(s) e Competência Textual*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-FCT
- COUTINHO, Maria Antónia. 2004. Organizadores textuais- Entre língua, discurso e género. In F. Oliveira & I. M. Duarte, (orgs.) *Da Língua e do Discurso*. Campo das Letras: s.l., pp. 283-298

COUTINHO, Maria Antónia & Florencia
MIRANDA. 2008. *Las etiquetas como
género de texto - un abordaje
comparativo*. In Actas do II Congreso
sobre la Lengua de la Vid y el Vino, y
su Traducción, Valladolid:
Publicaciones de la Universidad de
Valladolid, pp. 627-648 (no prelo)